



ÍNDICES VACINAIS NO PRIMEIRO ANO DE VIDA APÓS IDEAIS ANTIVACINA NA PANDEMIA DO COVID-19: ESTUDO NO MUNICÍPIO DE BELÉM-PA E CASTANHAL-PA

NATHALY RICHELY DE OLIVEIRA RODRIGUES; CAIO HENRIQUE DA GAMA BITTENCOURT BARBOSA; FABIO BATISTA MIRANDA; LUIZ ALMEIDA DA SILVA; MIKAEL HENRIQUE DE JESUS BATISTA

RESUMO

A vacinação é essencial para prevenir doenças e reduzir a mortalidade infantil no Brasil, mas a pandemia de COVID-19 desencadeou desafios significativos, com a disseminação de desinformação e o fortalecimento de movimentos antivacina. A pesquisa é uma reflexão bibliográfica e analítica de dados do DataSUS que utilizou os anos de 2018 e 2022 como parâmetros a serem estudados sobre índices dos imunobiológicos destinados as crianças de 02 a 12 meses, na capital Belém-PA e o município de Castanhal-PA e evidenciar se os ideais antivacina os percentuais vacinais no pós-pandemia. No presente estudo, observou-se uma queda acentuada nas taxas de vacinação de crianças no ano de 2022, valores inferiores ao ano de 2018. Essa redução reflete a influência negativa de campanhas antivacina e da desinformação nas redes sociais atuando como precursores que agravaram ainda mais uma tendência de declínio nas taxas de vacinação. Como resultado, as metas de cobertura vacinal estipuladas pelo Ministério da Saúde não foram atingidas, colocando em risco o controle de doenças imunopreveníveis e o reaparecimento de doenças erradicadas.

Palavras-chave: Antivacina; Desinformação; Vacinação; Saúde Pública; Pandemia

1 INTRODUÇÃO

A vacinação é um método de prevenção efetivo de doenças bacterianas, infecciosas ou virais atuando diretamente no desenvolvimento do sistema imunológico de crianças entre 2 e 12 meses, sendo de suma importância para evitar doenças imunopreveníveis e mortalidades na primeira infância no Brasil (Prociany, *et. al*). Porém, no ano de 2019, com a eclosão da COVID-19, os aumentos significativos de casos, somados aos impactos socioeconômicos nas redes de saúde e o ascendente quantitativo de óbitos acometeu a sociedade brasileira em um impasse entre a urgência da produção de vacinas e o não reconhecimento aos institutos científicos de saúde sobre a efetividade das vacinas produzidas e proporcionadas na linha de frente de combate à COVID-19.

A população, no período pandêmico, foi dividida entre indivíduos que participavam e se adequavam as medidas preventivas de isolamento e as vacinas e cidadãos que não aderiram as recomendações e orientações dos órgãos de saúde por não compactuar com os dados fornecidos pela Organização Mundial de Saúde e tomavam para si as informações geridas em redes sociais, de grupos com ideais antivacina e também atingidas pelas *fakenews*, (Couto, Barbieri e Matos, 2021). Os grupos antivacina acreditavam que as vacinas possuíam mais efeitos adversos tanto quanto sociais, físicos e econômicos do que potencial de combate a Sars-CoV-2, uma vez que isso foi mencionado pelo ex-presidente através das mídias, suas falas podem ter impulsionado as aparições de grupos, redes e sites que produzem falsas informações, tentam invalidar a comunidade científica de saúde e ‘receitando’ terapias medicamentosas e empíricas, e corroborando as falas do ex-presidente em meio a pandemia (Razafindrakoto, *et.*

al, 2024).

Agora, nos anos pós-pandemia, estamos vivendo dentro das consequências dos grupos antivacinas devido os resquícios de seus ideais que surgiram durante a pandemia do COVID-19, abordando na internet e redes sobre as vacinas de primeira infância que já eram consolidadas por décadas contra doenças imunopreveníveis, e os produtores científicos da área de saúde na tentativa de restabelecer-se para a comunidade brasileira, em meio as contradições que surgem. Apesar da grande significância da vacinação para população brasileira e ao mundo, há uma necessidade de rever os padrões vacinais na capital Belém do Pará e nos municípios próximos, como Castanhal-PA para evidenciar possíveis modificações nos quantitativos vacinais e se a atenção básica de saúde foi afetada pelos ideais de oposição aos imunobiológicos que são amplamente divulgados pelas redes sociais, no período anterior aos movimentos antivacina da pandemia do COVID-19 e posterior a ela.

2 MATERIAL E MÉTODOS

O estudo referenciou-se bibliograficamente através de artigos retirados da plataforma *Pubmed*, com filtros de publicação dos últimos 5 anos, palavras-chave impactos, pandemia, vacinação, desinformação, *fakenews*, política e antivacina, em que foram encontrados, em média, 58 artigos e somente 4 artigos foram selecionados, utilizou-se o banco de dados fornecidos pelo Governo Brasileiro com o Ministério da Saúde no site do DataSUS (<https://datasus.saude.gov.br>), com os filtros de doses aplicadas, dos anos de 2018 e 2022, na unidade de federação do Pará, nos municípios de Belém e Castanhal, utilizando imunobiológicos Poliomielite inativada (VIP), Pneumocócica 10-valente (Pneumo 10), Meningocócica conjugada C (mncC), Rotavírus humano (VRH), Pentavalente (DTP+HB+HIB) Tetraviral para crianças de 2 meses a 1 ano, e com o filtro de doses em 1ª dose, 2ª dose 3ª dose e 1º reforço.

Os imunobiológicos foram escolhidos a partir da cartilha de vacinação do Ministério da Saúde de domínio público através do site oficial do Governo Brasileiro (gov.br) em que preconiza as vacinações ditas para crianças entre 2 meses e 12 meses, com os qualitativos escolhidos, desejamos observar os impactos que podem ter acometido o índice vacinal das crianças no município de Belém, uma capital e geralmente utilizada de referência, e no município de Castanhal, cidade a 75km da capital do Pará e mais próxima da realidade das zonas rurais que cercam o município. Cada cidade foi avaliada separadamente sobre os quantitativos vacinais, afim de obter dados mais precisos para comparação do percentual de 2018, antes da pandemia do COVID-19 e acentuação dos ideais antivacina nas mídias, com os índices de 2022, pós-pandemia.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na cidade de Belém, foi observado que em 2018, foi um ano de grande adesão as vacinas, totalizando 61.179 de doses aplicadas em crianças de até 12 meses, índice razoável, porém mais próximo ao esperado de uma grande população. Já no ano de 2022, observamos o quantitativo de 36.655 doses aplicadas, ou seja, observamos uma queda nos números de doses em comparação ao ano de 2018, que afeta os planos gerados de cobertura vacinal do Ministério da Saúde e redes de atenção básica do município. No ano de 2020, foi amplamente divulgado em todo o país, através das redes sociais e redes televisivas a atuação dos grupos antivacina na distorção de dados científicos, manipulações de imagens e disseminação de ‘curas’ para o COVID-19 por meio de medicamentos não comprovados, publicando massivamente para alcançar ao máximo as mídias gerando problemas nas produções de ciência e compartilhamento de medidas preventivas efetivas contra o COVID-19, e muitos brasileiros podem ter sido alvos dessas desinformações (Cardoso, 2020).

1. tabela referente as doses aplicadas no ano de 2018 no município de Belém-PA. Inhangapi, 2024

Faixa etária	Doses aplicadas			
	1ª dose	2ª dose	3ª dose	1º reforço
2 meses	14.324	72	0	0
3 meses	1.129	43	0	0
4 meses	160	10.161	0	0
5 meses	63	3.000	0	0
6 a 8 meses	30	1.402	0	3
1 ano	30.784	1.271	3.787	25.399

Fonte: DataSUS

2. tabela referente as doses aplicadas no ano de 2022 no município de Belém-PA. Inhangapi, 2024

Faixa etária	Doses aplicadas			
	1ª dose	2ª dose	3ª dose	1º reforço
2 meses	9.032	37	0	0
3 meses	909	26	0	0
4 meses	6.780	6.611	0	0
5 meses	2.127	2.078	0	0
6 a 8 meses	1.021	964	0	0
1 ano	16.749	1.066	2.768	10.115

Fonte: DataSUS

Observamos também um declínio no número de vacinações no município de Castanhal, que no ano de 2018 teve 21.394 doses aplicadas, e no ano de 2022, houve uma queda de 11.146 doses, que pode estar ligado aos movimentos antivacina expandidos durante o período pandêmico, pois nota-se que juntos as amplas divulgações de grupos antivacina, tivemos a presidência e alguns órgãos governamentais que, dirigiam-se as mídias, que a SARS-CoV-2 não era sinal de alerta e não compartilhava das mesmas convicções sobre as prevenções de distanciamento pessoal, utilização de máscaras e métodos de higiene estabelecidos pela OMS, além de fomentar a circulação de pessoas para quebrar o *lockdown* para reestabelecer a economia que foi afetada pela pandemia (Biancovilli, Makszin e Jurberg, 2021), esse desencontro de ideais findaram também no enfraquecimento das veiculações de protocolos higiênicos para população brasileira que já se encontrava inconstante sobre o real problema da SARS-CoV-2, criando barreiras diretamente ligadas aos institutos de pesquisa de saúde, que visavam a produção de conhecimento para melhoria do quadro conturbado da pandemia.

3. Tabela referente as doses aplicadas em 2018 em Castanhal-PA. Inhangapi, 2024.

Faixa etária	Doses aplicadas			
	1ª dose	2ª dose	3ª dose	1º reforço
2 meses	2.563	5	0	0
3 meses	187	11	0	0
4 meses	30	1.837	0	0
5 meses	8	543	0	0
6 a 8 meses	2	217	0	0
1 ano	5.952	965	496	8.575

Fonte: DataSUS

4. Tabela referente as doses aplicadas em 2022 em Castanhal-PA. Inhangapi, 2024

Faixa etária	Doses aplicadas			
	1ª dose	2ª dose	3ª dose	1º reforço
2 meses	2.428	1	0	0
3 meses	225	4	0	0
4 meses	50	1.840	0	0
5 meses	12	578	0	0
6 a 8 meses	35	257	0	0
1 ano	1.057	367	752	2.642

Fonte: DataSUS

No período pandêmico, onde as incertezas de como agia o vírus tornaram-se uma realidade na sociedade brasileira, as *fakenews* foram extensivamente propagados, principalmente nas redes sociais como *WhatsApp* e *Facebook*, em que os grupos antivacina tomaram para si as mídias informais para viabilizar informações de cunho partidário político, disseminando anti-ciência e curas sobre a SARS-Cov-19 sem vacinações e recomendações geridas pela OMS, sem base científica apenas notícias sensacionalistas, que manipulavam a população mais leiga para posicionar-se contra as vacinações e medidas de isolamento no momento emergencial de saúde, atingindo 110 milhões de brasileiros em 6 meses de pandemia (Barcelos, *et. Al.*, 2021).

As manipulações cibernéticas de informações no período da pandemia interferiram drasticamente nos índices vacinais brasileiros na vacinação contra o COVID-19, causando quedas nos números de doses aplicadas devido as desinformações geradas pelos grupos antivacina, que agora foram facilitadas devido ao acesso à internet, rede social e sites que auxiliam a divulgação *fakenews* (Camargo Jr., 2020), e mesmo no ano de 2022, a desordem gerida por eles ainda afeta os calendários vacinais de crianças até 12 meses. Apesar de já haver um declive nas vacinações antes mesmo da pandemia, não se compara a queda da cobertura vacinal presenciada no ano de 2020, ao que se indica, as veiculações dos antivacinas nas redes ocasionaram o menor valor de vacinações, não alcançando nenhuma das metas estipulada pelo Ministério da Saúde (Prociany, 2020).

4 CONCLUSÃO

A partir desses dados obtidos no Datasus, podemos observar o declive nos índices vacinais de 2018 para 2022 na capital do Pará e no município de, região metropolitana, Castanhal, que os movimentos antivacinas e seus métodos de contravenção a ciência no período pandêmico afetaram a adesão a vacinações de crianças, e a população por um todo, como apontado no ano de 2022 que as doses aplicadas se afastaram ainda mais do ideal que o Ministério da Saúde almeja aos munícipes brasileiros, e devemos compreender que a ausência de uma boa cobertura vacinal na infância, pode acarretar no reaparecimento de doenças erradicadas, trazendo consigo, uma calamidade na saúde pública brasileira, principalmente se ocorrerem mais casos de desistências sobre as vacinações preconizadas pelo Ministério da Saúde, por isso, os grupos antivacina devem ser combatidos para prevalecer o bem-estar, regularizar e ascender as medidas preventivas contra patologias que afetam a vida de milhões de brasileiros

O manuseio do banco de dados do DataSUS foi de tamanha importância para dissertação da pesquisa, porém a atualização é manual e demorada, podendo haver inconsistências e erros nos dados vinculados ao site pois são gerados e armazenados por profissionais dentro de secretarias de saúde, conselhos e sendo feito por pessoas, esta susceptível a erros, o ano de 2022 foi a última atualização completa, no qual utilizamos na íntegra para avaliarmos os

quantitativos.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, T. Grupos antivacina mudam foco para COVID-19 e trazem sérios problemas à saúde pública. Jornal da USP, Ribeirão Preto. Ciência-- da saúde. 31 de março de 2020, disponível em < <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-da-saude/grupos-antivacina-mudam-foco-para-covid-19-e-trazem-serios-problemas-a-saude-publica/>> acesso em 15 de setembro de 2024

CAMARGO JR., K.R. Here we go again: the reemergence of anti-vaccine activism on of internet. Cadernos de Saúde Pública, n. 36, suppl. 2, 2020

BARCELOS, T. N., MUNIZ, L. N., DANTAS, D. M., COTRIM JUNIOR, D. F., CAVALCANTE JUNIOR, F. E. Análise de fake news veiculadas durante a pandemia de COVID-19 no Brasil. Revista Pan American Health Organization, N.45, V. e65, 2021

BIANCOVILLI, P.; MAKSHIZIN, L.; JURBEG, C. Misinformation on social networks during the novel coronavirus pandemic: a qualitative case study of Brazil. BMC Public Health, 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **DATASUS** (Departamento de Informática do SUS). c2008. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/dhdat.exe?bd_pni/dpnibr.def> acesso em 14 de set. 2024

PROCIANY, G. S.; JUNIOR, F. R.; LIED, A.F.; JUNG, L. F. P. P.; SOUZA, M. C. S. C. Impacto da pandemia do COVID-19 na vacinação de crianças de até um ano de idade: um estudo ecológico. Revista Ciência e saúde coletiva, n. 27, v. 03, 2022

RAZAFINDRAKOTO, M.; CASTILHO, F. R.; PERO, M. R. V.; SABOIA, J. Investigating the ‘*Bolsonaro effect*’ on the spread of the Covid-19 pandemic: An empirical analysis of observational data in Brazil. Plos One, 2024